

A IMPORTÂNCIA DAS BASES FILOSÓFICAS NO PROCESSO FORMATIVO DO PSICÓLOGO

Everaldo Araújo de Lucena

Graduação - Bacharel em Teologia, Filosofia e Psicopedagogia. Licenciado em Filosofia, Geografia, Pedagogia, Letra/Português e Formação em Psicanálise.

Pós-graduado Lato Sensu – Especialização em Novas tecnologias em Educação, em Psicopedagogia, em Psicanálise e em Geografia na Educação Básica.

Pós-graduação Stricto Sensu – Mestre em Gestão Educacional e Doutor em Ciências da Educação.

E-mail: everaldoaraju508@gmail.com

RESUMO: No decorrer da História apreende-se que a Psicologia se estabelece como uma ciência a partir do século XIX, todavia suas indagações no que se refere à psique humana, estavam coevas desde os filósofos da antiguidade grega. Entretanto, ainda que a Psicologia contenha firmado como área próprio de ciência, faz-se jus que, sua raiz, se originou na Filosofia. Nesse contexto, o presente estudo objetiva-se em refletir a importância da Filosofia na formação do psicólogo, pautando, assim, a metodologia com o tipo de pesquisa teórica, enfoque qualitativa e nível bibliográfico. Em sequência, justifica-se que a história da Psicologia acoplado à Filosofia ser proeminente para a compreensão dessa Ciência, o desígnio desta pesquisa se direciona ao psicólogo que ostenta excepcionalmente uma atitude filosófica. Portanto, tendo frente a relevância da Filosofia quanto ao saber, que muitas às vezes, tornou-se uma disciplina desconsiderada e vista como teórica, problematiza-se a presente artigo, questionado: qual a importância das bases filosóficas no processo formativo do psicólogo?

Palavras-Chave: Filosofia; Formação; Psicologia.

1 Introdução

Frente à relevância da Filosofia como entendimento de sua importância para a Psicologia uma vez que ambos estudos se voltar para o ser humano em seu modo de pensar, sentir e agir, apreende-se que a Filosofia tem sua primeira instancia, desde da antiguidade com os gregos, proporcionando, assim, o desenvolvimento do pensamento humano racional e a Psicologia, estabelecendo como uma ciência a partir do século XIX, baseia-se nessa linha de raciocínio da Filosofia ao desenvolver como ciência e busca ao um estudo no que se refere ao comportamento humano.

Nessa perspectiva, entendendo que a filosofia nasceu como forma de buscar esclarecimentos racionais tanto para o mundo como para a existência humana, apreendendo, de tal modo, que a psicologia abrolhou com finalidade de conter o método empírico ao afrontar os questionamentos que são refletidas pela filosofia, proporcionando, assim, a problemática do

presente trabalho com o questionamento: qual a importância das bases filosóficas no processo formativo do psicólogo?

Entretendo, objetiva-se de modo geral o presente trabalho em refletir sobre a importância das bases filosóficas no processo formativo do psicólogo, uma vez que a filosofia adicionou à psicologia diferentes temas como a sensação, a percepção, a inteligência e a memória dentre outros. Quanto a esse argumento, objetiva-se especificamente em demonstrar um viés histórico da interação entre a filosofia e a psicologia; analisar a psicologia e a filosofia como uma alameda de mão dupla e descrever a importância da Filosofia na formação do psicólogo.

Nesse contexto, justifica-se o presente trabalho, argumentando, assim, que a história da psicologia junto à filosofia, ser acentuada para a compreensão dessa ciência, a atual pesquisa busca uma compreensão sobre a importância das bases filosóficas no processo formativo do psicólogo. E, para tanto, usou-se da metodologia que venha construir o presente artigo, uma pesquisa teórica com enfoque qualitativo, abordando, portanto, o nível bibliográfico.

2 Um Viés Histórico da Interação entre a Filosofia e a Psicologia

Ainda que a Psicologia seja compreendida como espaço de saber voltado ao comportamento humano e os processos mentais, apreende-se que suas raízes de origem são firmadas na Filosofia. Para tanto, no que se refere as alusões filosóficas, entende-se que estão contidas na Psicologia, proporcionando soluções no que venha a ser a loucura, a consciência, a subjetividade, assuntos voltados ao corpo, tornando, assim, temas fundamentais da Psicologia.

De acordo com a história, entende-se que a Psicologia se compõe como uma ciência, dentre outras, próprio no século XIX, salientando, de tal modo, que as suas indagações no que se volta à psique humana já existiam desde os filósofos da antiga Grécia. Apesar disso, é só no final do século XIX que a Psicologia alcança status de ciência (Torres, 2016).

Nesse contexto, muitos estudiosos tinham em mente que a Psicologia Científica da época era satisfatória para esclarecer os fatos psicológicos, afastando-se dos questionamentos filosóficos. Contudo, os questionamentos filosóficos sempre permaneceram presentes no que se refere a busca do saber, apesar de maneira implícita, nas ciências. Nesse aspecto, diz Chauí (1997, p. 13) que

as ciências pretendem ser conhecimentos verdadeiros [...]. Ora, todas essas pretensões das ciências pressupõem que elas acreditam na existência da verdade [...]. Verdade, pensamento, procedimentos especiais para conhecer fatos, relação entre teoria e prática, correção e acúmulo de saberes: tudo isso não é ciência, são questões filosóficas [...]. Assim, o trabalho das ciências pressupõe, como condição, o trabalho da Filosofia, mesmo que o cientista não seja filósofo.

Nessa perspectiva, quanto a fala de Chauí (1997) supracitada, apreende-se que a Filosofia está subentendida na ciência, sobretudo nas ciências humanas, por sua vez na Psicologia. Assim, quando se refere aos questionamentos quanto a “loucura”, o “patológico”, o “normal”, a “consciência” não se pode afirmar que esteja refletindo no aspecto filosófico, ainda que esteja atuantes no campo da Psicologia.

Ao olhar na literatura da Filosofia percebe-se os vários filósofos que debruçaram sobre temáticas que se tornaram alvo de estudo na Psicologia, dentre várias obras, aponta-se uns como exemplo a “Investigações Lógicas” (1901), do filósofo Edmund Husserl; “A imaginação” (1936), “A transcendência do ego” (1937), “Esboço de uma teoria das emoções” (1939) e “O Ser e o Nada” (1943), do filósofo Jean-Paul Sartre.

Em sequência quanto ao raciocínio, exemplifica-se, também, como “O normal e o patológico” (1966), do filósofo Georges Canguilhem; “História da Loucura” (1972) e “O Nascimento da clínica” (1963), do filósofo Michel Foucault; “O eu e seu cérebro” (1977), do filósofo Karl Popper, juntamente com John Eccles; “Mente, cérebro e ciência” (1984) e “O mistério da consciência” (1997), do filósofo John Searle.

Nesse sentido, percebe-se uma ampla quantidade de temáticas existente na Filosofia ressaltadas na Psicologia, alocando-se, do mesmo modo, como temas de estudos na Psicologia, ateando-se, de tal modo, que a própria Psicologia como, também, a Psicanálise tornam-se elementos de análise crítica da Filosofia.

A Psicologia e a Filosofia, Alamedas de Dupla Mão

Ao olhar para o contexto da Psicologia como da Filosofia, logo surge o questionamento: elas são uma alameda de dupla mão? Por quê? Para tanto, percebendo as temáticas que ambas trabalham, a Filosofia voltada a reflexão e a Psicologia nominada como aspecto científico e que se debruça pelos diagnósticos, descrevendo, explicando, prevendo e melhorando o comportamento e a organização mental do sujeito inserido em diferentes sociedades, ora interna

como a família e ora externa como a escola, o trabalho, a igreja e as demais que se pode fazer parte, pode-se entender que a Psicologia encontra suas bases na Filosofia.

Nesse contexto, quando ao deparar com temáticas tanta da Filosofia como da Psicologia, apreende-se que ambas buscam analisar os seres humanos e suas complexidades, porque não afirmar os comportamentos. Entretanto, entende-se que as duas exibem semelhanças e diferenças, observando, até mesmo, a encontrar distintas interpretações para as mesmas ações.

Assim sendo, que vem a semelhar a Filosofia como a Psicologia é ressaltar que o método usado entre ambas, vai acondicionando respostas a partir das abordagens que as tornam alamedas de dupla mão, partilhando, em alguns momentos, proposições e decorrências, a Psicologia, como ciência, agrega no seu próprio repertório de conhecimentos que nos proporcionam pela Filosofia como reflexão sobre temas básicos voltado a vida humana.

No que se refere as diferenças, compreende-se quanto aos objetivos, onde a Filosofia se proporcionam pelos desígnios mais intelectuais, criando sistemas filosóficos ou categorias que convêm a elucidar a realidade, enquanto a Psicologia focaliza mais na terapia e na intervenção em vez de examinar um olhar universal como a Filosofia, mas busca isolar situações do comportamento humano.

Entretanto, no que se refere quanto a semelhanças e diferenças entre a Filosofia e a Psicologia, apreende-se que há uma intensa analogia entre ambas, intensificando-se em assegurar temáticas humanas adjuntas (VAZ, 2010), uma vez que os primeiros estudos no que se refere ao psiquismo e a alma foram efetivados pela Filosofia Grega, onde ressaltava cautelosamente as atividades humanas e a manifestação da alma (Dorin, 1980).

Fundamentando o parágrafo anterior, Dorin (1980, p. 6) que escreve:

Sócrates pensava, baseado no oráculo de Delfos, que para se conhecer o comportamento das outras pessoas era necessário conhecer-se a si próprio: “conhece-te a ti mesmo”; já Platão preocupa-se mais com o problema das origens das ideias; Aristóteles é o primeiro a se aventurar nas investigações mais seguras sobre a consciência e a conduta do homem.

Quanto a citação de Dorin (1980) supracitada, aspira-se, de tal modo, fazer uma concisa apreciação da afinidade entre a Filosofia e Psicologia; apreendendo a antropologia filosófica, especialmente do psiquismo, demonstrando, assim, a dimensão característica do ser humano; e, com também, o autoconhecimento que proporciona um encontro da verdade e do bem que estar presente no interior humano.

Nessa perspectiva, percebe-se que na etimologia da palavra Psicologia pode observar a aspiração, de tal maneira, que a Filosofia quanto a Psicologia contém, a saber: avaliar “O que é homem” (Vaz, 2010, p. 3), que nos proporciona um entendimento quanto aos termos, em grego, *psyché*, o qual significa: “pessoa, alma humana, sentimento, caráter” (Pereira, 1976, p. 638) e *logos*, apresentando seu significado como “matéria de estudo e conversação, relato, notícia” (Pereira, 1976, p. 350).

Nesse contexto, pode-se assegurar que a Psicologia procura analisar sobre a pessoa humana, especialmente no que se refere a dimensão interior. Quanto ao pensamento filosófico problematiza sobre o homem a partir de interrogações e/ou reflexões, envolvendo-se como objeto predominante a partir da época da sofística antiga (séc. V a.C.), desenvolvendo, de tal modo, todo o processo histórico da Filosofia Ocidental, conforme a época conseguinte ou quanto a visão do pensador (Vaz, 2010).

Nesse sendo, nos faz compreender a interação que há em meio ao estudo da Psicologia e o pensamento filosófico, permitindo um diálogo e um aprofundamento de temáticas apreciadas pela Filosofia que a Psicologia poderia fulgurar, tendo em vista, também, de responder e oferecer soluções.

Assim sendo, observa-se que a partir do século XV, início da idade moderna, até os dias atuais os pensamentos filosóficos tem se voltado com muita persistência em construir o melhor discurso plausível sobre o ser humano (Melendo, 2005), procurando proporcionar em estima especial suas categorias quanto estrutura, relação e unidade.

Quanto a categoria de estrutura ou níveis ontológicos característicos do sujeito, entende-se que o ser humano se compõe de corpo próprio, psiquismo e espírito, apreendendo, assim, como concepção espiritual e, por alguns pensadores, entendendo, também, de mente (Vaz, 2010), tendo em vista as divisões das categorias de relação como objetividade, intersubjetividade e transcendência, quanto a unidade, apreendendo como efetivação e essência ou ente.

No que se refere a categoria de estrutura, faz-nos apreender a importância e a influência que a dimensão psíquica apresenta no sujeito, uma vez que a liga entre as duas distintas dimensões do ser humano: o corpo e o espírito, tendo em vista que, como escreve Vaz (2010, p. 168), “[...] o psiquismo aparece como situado numa posição mediadora entre o corporal e o espiritual”. No entanto, o psiquismo é responsável por interiorizar as experiências do

cotidiano pela dimensão corporal e exteriorizar o mundo interior da pessoa humano e acrescenta Vaz (2010, p. 169):

A passagem do *estar-no-mundo* para o *ser-no-mundo*, ou da presença *natural* para a presença *intencional*, dá-se aqui no sentido de uma *interiorização* do mundo ou da constituição de um *mundo interior*. Pelo ‘corpo próprio’ o homem se exterioriza ou constitui sua expressão ou figura interior, e o Eu corporal é como que absorvido nessa exteriorização. Pelo *psiquismo* o homem plasma sua exteriorização ou *figura interior*, de modo que se possa falar com propriedade do *Eu psíquico* ou *psicológico*.

Nessa perspectiva, entende-se que o estudo quanto a dimensão psíquica é básico ao favorecimento aos estudos antropológicos filosóficos, já que o psiquismo faz advir o encontro da unidade entre a diversidade da dimensão pessoa humana: corpo e espírito, aprofundando os procedimentos internos do sujeito, proporcionando, assim, ocasiões de unidade na composição ontológica humana e fazer com que o sujeito saia do seu eu e suas sensações (solipsismo espiritual), abrindo-se, também, ao mundo da realidade e experiência.

Nesse aspecto, observa-se, também, quanto a categoria de relação, ao olhar o pensamento de Agostinho de Hipona (354 d.C. a 430 d.C.), conhecido por Santo Agostinho, o qual assegura que o ser humano traz pela R¹ação (inteligência-razão) uma abertura para a Verdade que nos faz voltar-se para o Bem.

Nesse contexto, assevera Sciacca (1995, p. 427) quanto a Santo Agostinho: “Todas as operações do espírito provenientes do espírito mesmo por meio da inteligência-razão, que alcança a Verdade, e da vontade, que adere ao Bem” ^[1]. Assim, faz-nos entender, segundo a concepção de Santo Agostinho que a dimensão interior do sujeito busca a verdade e o bem, aprendendo-se, de tal modo, que o ser humano ficar aberto a esse encontro.

Em sequência, compreende-se que o ser humano, de tal modo, sempre estar a procura por essa verdade e por esse bem, buscando dar sentido a sua própria existência, cultivando descoberta quanto a satisfação integral no que se refere ao mundo interno e externo; entendendo, assim, que quanto maior seu afastamento de si mesmo menor será sua probabilidade de deparar essa Verdade e esse Bem que tanto procura.

1 Citação no original: “Todas las operaciones del espíritu provienen del espíritu mismo por medio de la inteligencia-razón, que alcanza la verdad, y de la voluntad, que se adhiere al bien.” SCIACCA, M. F. San Agustín. Trad. P. Ulpiano Álvarez Díes, O. S. A. Barcelona: Luis Miracle, 1995. Traduzida para o Português no presente texto.

Afirma Santo Agostinho (1987, VI, 39, 72) que “não saias de ti, mas volta para dentro de ti mesmo, a verdade habita no coração do homem”. Então, compreendendo que a verdade reside no coração do sujeito humano, faz-se necessário que o homem cultive sempre essa verdade no mais íntimo de si mesmo, assim poderá descobrir nessa relação consigo mesmo o seu sentido.

Nessa perspectiva, entendendo que a Psicologia sendo uma ciência que estuda o comportamento e os temas que transcorrem a vida do ser humano voltado para a interioridade humana, ou seja, do “eu” que reside no “coração humano”, debruça, também, pela relação do autoconhecimento pessoal, tonando imprescindível que o sujeito se conhecer para descobrir em si a verdade e o bem, por conseguinte o sentido da existência humana.

Deste modo, pode-se afirmar que a Filosofia e a Psicologia apresentam um grande vínculo de relação, no que se refere ao estudo do ser humano. Portanto, entendem-se que ambos os estudos podem propiciar ao sujeito um maior autoconhecimento de si e aperfeiçoamento quanto as relações intersubjetivas.

A Importância da Filosofia na Formação do Psicólogo

Determinados fundamentos da Psicologia e do desempenho do psicólogo acena-se à intersubjetividade e à linguagem. No que se refere a intersubjetividade, pode-se compreender que tanta as interações do psicólogo com paciente e como as interpessoais podem surgir os mais diferentes conceitos quanto ao enfoco da Psicologia.

No que se entende a linguagem, apresenta ao sujeito a probabilidade de apregoar o pensamento. A linguagem proporciona configuração ao conteúdo do pensamento, não se idealizando este sem a conformação linguística, tornando, assim, indispensáveis a reciprocidade do pensamento e da linguagem, uma vez que o primeiro se consolida no segundo e este, de tal modo, apresenta uma função de significação.

Nessa perspectiva, exemplifica-se que ao considerar Vygotsky (1999, p. 56), tendo em vista a Psicologia Sócio-histórica, afirmou que “nós nos tornamos nós mesmos através dos outros”, deste modo, os outros padecem aquisições de significação afetiva. Skinner (1967) da Psicologia Behaviorista pronunciou que, o comportamento é influência mútua organismo-ambiente, entendendo esse ambiente externo, o social. Perls, Hefferline e Goodman (1997,

p.45) escreve que na Gestalt-Terapia: “todo o contato é ajustamento criativo do organismo com o meio”.

A partir dos exemplos supracitados no parágrafo anterior, entende-se que o psicólogo deve proporcionar um olhar de interação, onde todas às vezes que ele apreende melhor tais interações, apresentará, do mesmo modo, em sua função grande desempenho. De tal modo, pode-se ocasionar o inverso, menos entendimento nas interações com o outro, enquanto profissional, expressará desempenho limitado.

Compreendendo que se para a Psicologia, como foi exposto de modo genérico, o psicólogo compõe os outros e que, por sua vez, é composto por eles, em espaço de interação, afetando e sendo afetados, essa interação com o outro pode se afirmar, também, que é tema de estudo da Filosofia. Exemplificando, apresenta-se de forma sintética uma citação do filósofo Spinoza (2009, p. 66), o qual ao referir as interações de afetos e escreve que “as ideias que temos dos corpos exteriores indicam mais o estado de nosso corpo do que a natureza dos corpos exteriores”.

Nessa perspectiva, o filósofo Hegel (1992, p.125) nos proporciona a entender sobre as interações sociais quanto ao seu pensar sobre a ideia de que o desejo é o desejo do outro e segundo ele, como sujeito desejante, escreve que “a consciência-de-si só alcança sua satisfação em uma outra consciência de si” ou, como diz o pensador Kojève (2002, p. 13), “o desejo humano deve buscar outro desejo [...]. Se a realidade humana é uma realidade social, a sociedade só é humana como conjunto de desejos, desejando-se mutuamente como desejos”.

Em sequência da compreensão referente da intersubjetividade, o filósofo Sartre (2012, p. 361) se volta ao conceito “Para-si” ou consciência humana e “Para-outro” uma consciência do outro, afirmando que “talvez não fosse impossível conceber um Para-si [consciência] totalmente livre de todo Para-outro [consciência do outro] [...] só que esse Para-si não seria ‘homem’”. Deste modo, pode-se apreender no que se refere a temática sobre a intersubjetividade, percebe-se que estar presente tanto na Psicologia como na filosofia.

Eis a razão que o psicólogo muitas às vezes se faz necessário ir além da sua Psicologia, buscando na Filosofia o que não estar oferecido em livros de Psicologia, uma vez que o ser humano em sua singularidade e complexidade, não está pronto e acabado, por isso que ocasiona o tempo todo novas questões a serem solucionados. Assim, faz-nos entender que a interação com outro, deve ser caracterizado por jogo de regras sempre abertos em constante devir, onde

o psicólogo necessitará dar conta das questões, diante da intersubjetividade que não está nos *manuals de psique*.

Deste modo, entende-se que o pensar filosófico inclinado pela Psicologia proporciona a atuação do psicólogo um desempenho de austeridade que não se estanca ao limite do enigma, que é a relação com o outro. Nesse contexto, apreende-se que a Filosofia se torna formidável para formação do psicólogo, não para tornar filósofo, todavia para compreender que, em uma tarefa intelectual multidisciplinar, a Filosofia apresenta como uma das configurações de apreender as interações constituídas no mundo, ocasionando uma reflexão densa das hipotéticas existentes no contexto social.

Logo, percebe-se que cada psicólogo não só pode como deve apregoar o seu axioma inusitado, conforme com o espaço único que ocupa nas interações de afetos ou nas intersubjetividades. Entretanto, não é apenas só isso, quando o psicólogo que, também, se volta para a Filosofia, torna-se aprimorado com um olhar mais analítico de si mesmo, do outro e do seu próprio desempenho profissional.

Assim sendo, um psicólogo que questiona a sua própria ciência, remetendo ao fazer, aos procedimentos e desígnios da Psicologia, voltando a uma área chamada Epistemologia, a qual em seu sentido restrito, se proporciona como um parte da Filosofia que se desempenha do conhecimento científico, estudando criticamente as origens, as hipóteses e as decorrências das diferentes ciências, entre elas, a ciência psicológica.

Portanto, um psicólogo que indaga se assenta em uma conjuntura filosófica mesmo sabendo que não é filósofo. Mas, se posiciona numa dimensão crítica em analogia ao conhecimento que ele tem, a partir de teorias e pesadores da Filosofia que cooperam para as ciências humanas, fortalecendo a formação do psicólogo.

3 Considerações Finais

A partir do percurso histórico apresentado, evidenciou-se um longo caminho de estudos e dedicação na construção dos saberes em Filosofia e em Psicologia. Sendo que, como observado, a Psicologia é uma disciplina relativamente jovem em sua existência de reconhecimento. No entanto, as perguntas que recentemente permeiam a Psicologia, já faziam parte dos estudos e debates da Filosofia desde a antiguidade.

Observou-se que a psicologia e a filosofia possuem tanto confluências como divergências, desde a busca pelo saber e entender, como nas interpretações sobre determinados temas. Todavia, não se pode negar a importância de ambos os saberes, os quais, de certo modo, estão conectados entre si, pois apesar das diferentes abordagens, o âmago das perguntas gira em torno do humano e da vida em sociedade.

Do mesmo modo, apreendeu-se que a psicologia e a filosofia caminham juntas. as pressuposições filosóficas que constituíram e estabelecem a psicologia são as decorrências de uma intercepção secular para averiguar os princípios a respeito da existência humana. Portanto, a pesquisa nos proporcionou o entendimento do tomar consciência das tradições que apoia e que oferece assiduidade, onde a psicologia reforça a filosofia e a filosofia fortalece a psicologia.

Referências

AGOSTINHO, Santo. **A verdadeira Religião**. 2. ed. São Paulo: Paulus, 1987.

CHAUÍ, Marilene. **Convite à filosofia**. São Paulo: Ática, 1997.

CANGUILHEM, Georges. **O Normal e o Patológico**. São Paulo: Editora Forense Universitária, 2015

DORIN, Lannoy. **Enciclopédia de Psicologia Contemporânea: Psicologia geral**. Vol. 1. São Paulo: Iracema, 1980

HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. **Fenomenologia do Espírito**. 2. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 1992

KOJÈVE, Alexandre. **Introdução à leitura de Hegel**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2002

MELENDO, Tomás. **Iniciação à Filosofia: razão, fé e verdade**. São Paulo: Instituto Brasileiro de Filosofia e Ciência Raimundo Lúcio, 2005

PERLS, F. S.; HEFFERLINE, R. & GOODMAN, P. **Gestalt-terapia**. São Paulo: Summus, 1997.

PEREIRA, Isídio, S. J.. **Dicionário grego-português e português-grego**. 5. ed. Porto: Apostolado da Imprensa, 1976

SARTRE, Jean-Paul Charles Aymard. **O Ser e O Nada: ensaio de Ontologia Fenomenológica**. 21. ed. Petrópolis: Vozes, 2012

SCIACCA, M. F. **San Agustín**. Trad. P. Ulpiano Álvarez Díes, O. S. A. Barcelona: Luis Miracle, 1995

SPINOZA, B. **Ética**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

SKINNER, B. F. **Ciência e comportamento humano**. Brasília: Editora UNB, 1967.

TORRES, André Roberto Ribeiro. **História da psicologia**. Londrina: Editora e Distribuidora Educacional S.A., 2016.

VAZ, H. Cláudio de Lima. **Antropologia Filosófica**. 10. ed. São Paulo: Loyola, 2010.

VYGOTSKY, L. S. **Pensamento e linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.